

# “EM PLENO FOUCAULT”: ARQUEOLOGIA E ENGAJAMENTO POLÍTICO

Daniela Lima<sup>1</sup>

Resumo: Em 1969, Michel Foucault (1926-1984) se tornou chefe do departamento de filosofia da Universidade de Vincennes e publicou *Archéologie du Savoir*. Um ano intenso, no qual Foucault passa a encarnar a figura de intelectual engajado, o que se relaciona tanto com a experiência efervescente em Vincennes como primeiro período de sua obra, a Arqueologia (década de 1960). Ou seja, diferentemente das interpretações clássicas que atribuem apenas ao seu segundo período, a Genealogia (década de 1970), uma dimensão política, havia na Arqueologia um potencial para suscitar novas formas de engajamento político.

Palavras-chave: Foucault – arqueologia – saber – política – engajamento.

## INTRODUÇÃO: AS ARMADILHAS DE VINCENNES

*“Quando as pessoas seguem Foucault, quando têm paixão por ele, é porque têm algo a fazer com ele, em seu próprio trabalho, na sua existência autônoma”<sup>2</sup>*

Em 1969, Michel Foucault “inventa o Foucault que todo mundo conhece, das manifestações e dos manifestos, das ‘lutas’ e da ‘crítica’”<sup>3</sup>. Nos corredores da Universidade Vincennes, que abriu as portas em janeiro do mesmo ano, Foucault passou a “encarnar a própria figura de intelectual militante”<sup>4</sup>. Vincennes era uma universidade experimental, marcada tanto pela agitação do Maio de 1968 como pelas armadilhas das autoridades universitárias. Em uma entrevista concedida à *Le Nouvel Observateur*, Foucault, então diretor do departamento de filosofia, descreve essas armadilhas: “nos deixaram avançar numa direção da qual nos anunciam, agora, estar fechada”<sup>5</sup>. Ou seja, as mesmas autoridades que prometeram liberdade total aos vincennois tentavam reprimi-la quando eles a exerceram.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora vinculada ao NUFFC - UFRJ (Núcleo de Filosofia Francesa Contemporânea da UFRJ). Contato: daniela\_plima@hotmail.com. Orientador: André Constantino Yazbek. Pesquisa financiada pela Capes.

<sup>2</sup> DELEUZE, *Conversações: 1972-1990*, p. 108.

<sup>3</sup> ERIBON, *Michel Foucault*, p. 195.

<sup>4</sup> ERIBON, *Michel Foucault*, p. 195.

<sup>5</sup> FOUCAULT, *Ditos e escritos V. VII*, p. 190.

A situação é bastante complicada. Há os que dizem: “É preciso suprimir a cadeira de filosofia. Ela já fez muitos estragos e devemos esperar o pior quando os estudantes da nova geração (os de Vincennes em particular) chegarem aos Liceus. Começemos por colocar fora de circuito os estudantes de Vincennes e, pouco a pouco, de supressão em supressão, faremos uma limpeza no secundário e no superior”.<sup>6</sup>

O ministro da Educação Nacional, Olivier Guichard, havia comunicado ao presidente de Vincennes, M. Jean Cabot, que não concederia licenciatura aos estudantes do departamento de filosofia. Na Rádio Luxemburgo, Guichard justificou sua atitude mostrando alguns títulos de cursos dedicados ao marxismo e à política de modo geral. Para as autoridades universitárias, o que se fazia em Vincennes não era filosofia. Com efeito, a liberdade de cátedra dizia respeito a uma determinada filosofia, que deveria ser protegida daquilo que Jacques Rancière, Étienne Balibar, Judith Miller, Alain Badiou e, é claro, Michel Foucault faziam em suas aulas. Na entrevista à *L’Obs*, Foucault faz uma pergunta que não cessa de ressurgir: “O que a filosofia (a cadeira de filosofia) tem de tão precioso e de tão frágil para que seja preciso protegê-la com tantos cuidados?”<sup>7</sup>.

Não devemos subestimar a ameaça [*de supressão da cadeira de filosofia*]: ela existe. Mas ela nunca deixou de existir. Na França, faz parte das condições de existência da cadeira de filosofia. É o policial necessário à intriga: graças a ele, a cortina não se fecha.<sup>8</sup>

A universidade de Vincennes, assim como a cadeira de filosofia, tinha na ameaça uma das suas condições de existência. Criada como resposta gaullista às críticas dirigidas às universidades em Maio de 1968, vivia sob ameaça de fechamento. Tratava-se de uma experiência de liberdade que o gaullismo pretendia limitar e controlar. Não por acaso, a universidade foi construída no centro de um bosque, mantendo professores e estudantes considerados perigosos longe do *Quartier Latin*. No entanto, a liberdade estava em constante disputa em Vincennes e, assim sendo, não havia limite que não pudesse ser contraído ou excedido.

Durante vários anos a imprensa aborda essa questão [fechamento de Vincennes]. Segundo sua opção política os jornais se perguntam se Vincennes será (ou deverá ser) fechada. “Vincennes em sursis”, “Vincennes deve viver”, etc., é o que se lê por muitos meses [...]. Vincennes viverá. Mas – e por muito tempo – nesse clima de violência instaurado desde o início.<sup>9</sup>

Foucault descreve a atmosfera de Vincennes como “uma colmeia barulhenta, onde cada qual procura seu lugar”<sup>10</sup>. Um ambiente no qual o cargo de chefe de departamento era

---

<sup>6</sup> FOUCAULT, *Ditos e escritos V.VII*, p. 187.

<sup>7</sup> FOUCAULT, *Ditos e escritos V.VII*, p. 184.

<sup>8</sup> FOUCAULT, *Ditos e escritos V.VII*, p. 186.

<sup>9</sup> ERIBON, *Michel Foucault*, p. 194.

<sup>10</sup> ERIBON, *Michel Foucault*, p. 190.

impossível de ser exercido, visto que não havia espaço para a figura de um “chefe”. Com efeito, Foucault passa a exercer algo como o avesso da chefia, usando sua influência para garantir a liberdade prometida inicialmente aos alunos e professores. Recusou-se a qualquer forma de conciliação que dependesse de mudanças de conteúdo ou de formas pedagógicas. Posteriormente, organizou uma coletiva de imprensa para responder as acusações de Guichard, na qual declarou: “sendo a vocação de Vincennes estudar o mundo contemporâneo [...] como o departamento de filosofia poderia deixar de ser uma ‘reflexão sobre a política?’”<sup>11</sup>.

## QUE POLÍTICA ANTES DA GENEALOGIA?

A pergunta “o que é um filósofo” foi feita diversas vezes a Michel Foucault e suas diferentes respostas poderiam se tornar um mapa das transformações de seu pensamento. Em 1966, Foucault responde que um filósofo é “aquele que desempenha de alguma forma o papel de arqueólogo, que estuda o espaço no qual se desdobra o pensamento, assim como as condições desse pensamento, seu modo de constituição”<sup>12</sup>. De fato, a resposta dialoga com a Arqueologia, primeiro período de seu pensamento, que se estende de 1961 a 1969, e tem como principais obras *Histoire de la Folie à L'âge Classique* (1961), *Naissance de la Clinique* (1963), *Les Mots et les Choses* (1966) e *L'Archéologie du Savoir* (1969). As quatro obras carregam em si mesmas – e umas em relações às outras – um dos princípios fundamentais da Arqueologia, a saber, a ideia de descontinuidade. Passaram por elaborações, reelaborações, críticas, autocríticas, enfim, por processos descontínuos de descoberta. Para Foucault, a descontinuidade era, “ao mesmo tempo, instrumento e objeto de pesquisa”<sup>13</sup>. Com efeito, *L'Archéologie du Savoir*, última obra do período arqueológico, não era apenas uma forma de “rebater leituras errôneas”<sup>14</sup> e “esclarecer mal-entendidos”<sup>15</sup> de *Les Mots et les Choses*, nem uma tentativa de unificar suas obras anteriores, reduzindo e apagando descontinuidades. Era, ao contrário, uma afirmação da descontinuidade.

Você pensa que eu teria tanta dificuldade e tanto prazer em escrever, que eu me teria obstinado nisso, cabeça baixa, se não preparasse – com as mãos um pouco febris – o labirinto onde me aventurar, deslocar meu propósito, abrir-lhe subterrâneos, enterrá-lo longe dele mesmo, encontrar-lhe desvios que resumem e deformam seu percurso, onde me perder e aparecer, finalmente, diante de olhos que não terei mais que encontrar? Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo.<sup>16</sup>

Em *L'Archéologie du Savoir*, Foucault apresenta um novo método de fazer história, cujo elemento fundamental é a descontinuidade. Colocando em questão a história clássica,

---

<sup>11</sup> ERIBON, *Michel Foucault*, p. 193.

<sup>12</sup> FOUCAULT, *Ditos e escritos V. IV*, p. 36.

<sup>13</sup> FOUCAULT, *Arqueologia do saber*, p. 11.

<sup>14</sup> ERIBON, *Michel Foucault*, p. 173.

<sup>15</sup> ERIBON, *Michel Foucault*, p. 173.

<sup>16</sup> FOUCAULT, *Arqueologia do saber*, p. 21.

que, centrada em uma busca pela origem e em processos de totalização, pretendia superar, negar ou suprimir acontecimentos dispersos para que aparecesse “a continuidade dos acontecimentos”<sup>17</sup> ou “o rosto de uma época”<sup>18</sup>. Por sua vez, o método arqueológico não está centrado na interpretação e na busca por um núcleo de significação comum, mas na descrição de práticas discursiva e nas suas condições de possibilidade. O objeto dessa nova história é o enunciado, o discurso e, evidentemente, o saber. Portanto, Foucault chega a Vincennes após um percurso marcado, sobretudo, pelas “questões relativas à constituição dos saberes”<sup>19</sup>.

Em Vincennes ele [Foucault] dá cursos sobre Nietzsche e em sua aula inaugural no Collège de France, em dezembro de 1970, aproxima-se mais das preocupações da *Archéologie du Savoir* que das elaborações posteriores sobre o poder. Seus artigos ou conferências desse período continuam surpreendentemente marcados por preocupações teóricas e por seu estilo anterior [*Arqueologia*] [...] Foucault ficou dois anos em Vincennes. Dois anos movimentados que serão essenciais em sua vida, em sua carreira, em sua obra. Pois é ali que ele realmente volta à política, reencontra a história, “como um escafandro depositado no fundo do mar e que de repente a tempestade carrega até a praia”<sup>20</sup>.

Segundo a interpretação de Didier Eribon, que se tornou clássica, visto que outros comentadores, como Maurice Blanchot, também compartilham dela, a obra de Foucault só se tornaria política a partir da década de 1970. Como visto nas citações, a Arqueologia seria um período marcado por “preocupações teóricas”, que não apresentariam, em si mesmas, um caráter político. Não por acaso, Eribon afirma que apenas em Vincennes Foucault “se volta à política”. Para o autor, a prática política em Vincennes foi condição de possibilidade da politização da teoria foucaultiana no período genealógico. Ou seja, a questão que retorna nesta interpretação é a relação entre teoria e prática: por um lado, a Arqueologia se reduziria às questões teóricas menores, sem caráter político e, portanto, sem prática política associada. Por outro, a prática política em Vincennes levaria às questões relativas ao poder, estas sim políticas. Com efeito, uma perspectiva não totalizante da relação entre teoria e prática abriria espaço para outras interpretações sobre o período arqueológico.

Ora concebíamos a prática como aplicação da teoria, como uma conseqüência, ora, ao contrário, como devendo inspirar a teoria, como sendo ela própria criadora de uma forma de teoria advir. Em todo caso, concebiam-se suas relações sob a forma de totalização, em um sentido ou em outro. Talvez, para nós [Deleuze e Foucault], a questão se formule de outra maneira. As relações teoria-prática são muito mais parciais e fragmentárias<sup>21</sup>.

---

<sup>17</sup> FOUCAULT, *Arqueologia do saber*, p. 10.

<sup>18</sup> FOUCAULT, *Arqueologia do saber*, p. 41.

<sup>19</sup> MUCHAIL, *Foucault, simplesmente*, p. 9.

<sup>20</sup> ERIBON, *Michel Foucault*, p. 194-5.

<sup>21</sup> DELEUZE *apud* FOUCAULT, *Ditos e escritos V. IV*, p. 36.

A partir dessa perspectiva, é possível questionar se não haveria, nas obras do período arqueológico, “uma multiplicidade de peças e de pedaços ao mesmo tempo teóricos e práticos”<sup>22</sup> que constituíram uma dimensão política. Em consonância com essa perspectiva, Gilles Deleuze mostra, em seu célebre livro sobre Foucault, aquilo que seria o esboço de uma filosofia política em *L'Archéologie du Savoir*<sup>23</sup>. Esse esboço se apoiaria, sobretudo, na descrição das relações entre meios discursivos (enunciados e, conseqüentemente, discursos e saberes) e não-discursivos (instituições, práticas políticas e econômicas).

Uma instituição comporta ela mesma enunciados, por exemplo, uma constituição, uma carta, contrato, inscrições e registros. Inversamente, os enunciados remetem a um meio institucional sem o qual os objetos surgidos nesses lugares do enunciado não poderiam ser formados, nem o sujeito que fala de tal lugar (por exemplo, a posição do escritor numa sociedade, a posição do médico no hospital [...]).<sup>24</sup>

Segundo Foucault, a prática discursiva é definida como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício de uma função enunciativa”<sup>25</sup>. Ou seja, a constituição da prática discursiva, em seu conjunto de regras, guarda uma dimensão política que, parafraseando Foucault, não é visível e não é oculta. O paradoxo visível/oculto leva à ideia de que não havia uma política na Arqueologia e que o período arqueológico só se tornaria, de fato, político a partir de uma reinterpretação genealógica, na qual o debate sobre o poder tornaria visível e expressa sua dimensão política. Neste ponto, talvez seja importante retomar as “peças” e “pedaços”, que possibilitaram a relação entre *L'Archéologie du Savoir* e *Surveiller et Punir*<sup>26</sup>, livro que inaugura a fase genealógica.

A Genealogia, como dito anteriormente, é a fase cujo tema central é o poder, ou, mais precisamente, as formas e os exercícios do poder. O poder não é algo que se possa adquirir ou possuir, mas relações de força desiguais e móveis. O poder só existe em ato. Para Foucault<sup>27</sup>, “estamos necessariamente ‘no’ poder”, “dele não se escapa”, “não existe a ele exterior absoluto”. A ideia de que estamos “no poder” e, conseqüentemente, imersos de forma inelutável em relações macro e micropolíticas, exige um segundo olhar para a interpretação que admite um “fora da política” na obra de Foucault. *Surveiller et Punir*, publicado seis anos após de *L'Archéologie du Savoir*, apresenta a instituição carcerária em sua relação heterogênea entre meios discursivos e não-discursivos, entre a constituição dos saberes e o exercício do poder, de modo que não há uma primazia do poder sobre o saber, mas uma relação de interdependência entre saber e poder, uma vez que “as relações de poder implicam as relações de saber, estas, em compensação, supõem aquelas”<sup>28</sup>. Portanto, uma

---

<sup>22</sup> DELEUZE *apud* FOUCAULT, *Ditos e escritos V. IV*, p. 37.

<sup>23</sup> DELEUZE, *Foucault*, p. 21.

<sup>24</sup> DELEUZE, *Foucault*, p. 21

<sup>25</sup> FOUCAULT, *Arqueologia do saber*, p. 144.

<sup>26</sup> O período genealógico ainda abrange o primeiro volume de *Histoire de la Sexualité: La Volonté de Savoir* (1976).

<sup>27</sup> FOUCAULT, *História da sexualidade V.I*.

<sup>28</sup> DELEUZE, *Foucault*, p. 90.

interpretação possível é que não há uma passagem do Foucault-saber para o Foucault-poder, visto que já existiam fragmentos ainda não nomeados de poder no método arqueológico, além de uma dimensão política ligada à constituição dos saberes. Havia uma política na Arqueologia.

### “EM PLENO FOUCAULT”

“Já é noite nesse 23 de janeiro de 1969 quando os grupos compactos da CRS (*Compagnie Republicaine de Sécurité*) avançam em direção ao estranho conjunto de edifícios que em alguns meses surgiram junto ao *Bois de Vincennes*”<sup>29</sup>. Passaram-se apenas dez dias entre a abertura da universidade e a primeira invasão da polícia. Estudantes acossados nas escadas tentavam se proteger com barricadas feitas por mesas e cadeiras. “A imprensa da direita e os jornais populares a denunciam como ‘um bando de esquerdistas’”<sup>30</sup>. A armadilha estava posta. Na entrevista ao *L’Obs*, Foucault pede que digam “de modo claro o que é a filosofia e em nome do que – de qual texto, qual critério ou verdade –”<sup>31</sup> se rejeita o que faziam em Vincennes.

A universidade fora construída em uma zona cinzenta entre a ideia gaullista de isolar os criadores de problemas e as demandas dos movimentos estudantis, que pediam uma abertura das universidades aos trabalhadores e aos imigrantes, práticas de ensino que privilegiassem a reflexão política e a livre circulação de informação entre professores e alunos. Com efeito, no centro dos questionamentos dos movimentos estudantis estavam as críticas aos pensamentos e práticas institucionais e, conseqüentemente, ao umbral do saber: a universidade. Havia uma nova forma de engajamento, que pressupunha “uma crítica radical das formas de pensamento que suportam subterraneamente as instituições”<sup>32</sup>. Neste ponto, *L’Archéologie du Savoir* não representava apenas um esboço político, como apontava Deleuze, mas um apontamento para o futuro. No capítulo VI, *Science et Savoir*, Foucault propõe, entre outras arqueologias, uma análise do saber político:

Tentariamos ver se o comportamento político de uma sociedade, de um grupo ou de uma classe não é atravessado por uma prática discursiva determinada e descritível. [...], ela definiria o que pode tornar-se objeto de enunciação, os conceitos que aí se encontram empregados e as escolhas estratégicas que aí se operam. Em lugar de analisá-lo – o que é sempre possível – na direção da *episteme* a que pode dar lugar, analisaríamos esse saber na direção dos comportamentos, das lutas, dos conflitos, das decisões e das táticas. Faríamos aparecer, assim, um saber político que não é da ordem de uma teorização secundária da prática e que não é, tampouco, uma aplicação da teoria<sup>33</sup>.

---

<sup>29</sup> ERIBON, *Michel Foucault*, p. 187.

<sup>30</sup> ERIBON, *Michel Foucault*, p. 188.

<sup>31</sup> FOUCAULT, *Ditos e escritos V.VII*, p. 184.

<sup>32</sup> ERIBON, *Michel Foucault e seus contemporâneos*, p. 42.

<sup>33</sup> FOUCAULT, *Arqueologia do saber*, p. 234-5.

Com efeito, “as peças e pedaços ao mesmo tempo teóricos e práticos” contidos na Arqueologia podem representar uma forma de engajamento político, a partir da análise das formações, deformações e transformações de um saber. Dessa forma, Foucault propõe uma alternativa para as formas de engajamento centradas na “biografia geral e exemplar do homem revolucionário”<sup>34</sup> e na aparição de uma “consciência revolucionária”<sup>35</sup>. Uma forma de engajamento que poderia ser considerada anti-humanista, uma vez que não estava centrada na figura do homem.

No período arqueológico, sobretudo em *Les Mots et les Choses* e em *L'Archéologie du Savoir*, Foucault “desloca o homem do centro da história e da origem dos saberes”<sup>36</sup>, movimento que pode ser considerado filosófico e político. Afinal, a perspectiva anti-humanista colocava em xeque o hegelianismo, a fenomenologia, o existencialismo, o marxismo e, mais frontalmente, a aproximação entre o existencialismo e o marxismo proposta por Jean-Paul Sartre em *La Critique de la Raison Dialectique*. Para Foucault a aproximação entre a dialética e o humanismo, mais precisamente, o humanismo de Hegel, Sartre e Marx, “promete ao ser humano, de algum modo, que ele se tornará um homem autêntico e verdadeiro. Ela promete o homem ao homem”<sup>37</sup>. De fato, é uma promessa tentadora ver surgir, de si mesmo, o “homem autêntico e verdadeiro”. Este homem que, por estar no centro da história e da origem dos saberes, teria um parentesco com Deus.

Ora, parece-me que, ao escrever *A crítica da razão dialética*, Sartre de algum modo pôs um ponto final, fechou o parêntese sobre todo esse episódio de nossa cultura começado com Hegel. Ele fez tudo o que pôde para integrar a cultura contemporânea [...] à dialética<sup>38</sup>.

De acordo com a citação, *La Critique de la Raison Dialectique* seria uma tentativa de pensar o século XX com ferramentas do século XIX. Para Foucault, o pensamento dialético se desenvolveu “em referência à existência, ou seja, ao problema das relações entre o indivíduo e a sociedade, entre a consciência e a história, entre a práxis e a vida”<sup>39</sup>. No entanto, “o pensamento não-dialético que se constitui nos dias de hoje não põe em jogo a natureza ou a existência, mas, sim, o que é o saber”<sup>40</sup>. Com efeito, essa perspectiva corresponde a uma forma de engajamento, que surgiu, ainda sem nome, em Maio de 68 e que segue como um apontamento para nós hoje.

Quando desembarquei em Paris, no dia 3 de maio [de 1968], comprei os jornais na estação de Lyon e, diante das manchetes sobre a primeira revolta estudantil, disse a minha mulher, com uma calma, ao que parece, estranha, eis aí, aconteceu, chegamos lá... ‘Onde?’, perguntou-me ela. Em pleno Foucault... pois, afinal, *As palavras e as coisas*

---

<sup>34</sup> FOUCAULT, *Arqueologia do saber*, p. 235.

<sup>35</sup> FOUCAULT, *Arqueologia do saber*, p. 235.

<sup>36</sup> MUCHAIL, *Foucault, simplesmente*, p. 115.

<sup>37</sup> FOUCAULT, *Ditos e escritos V.VII*, p. 152.

<sup>38</sup> FOUCAULT, *Ditos e escritos V.VII*, p. 152-3.

<sup>39</sup> FOUCAULT, *Ditos e escritos V. VII*, p. 154.

<sup>40</sup> FOUCAULT, *Ditos e escritos V.VII*, p. 154.

não era o formidável anúncio da rachadura geológica de nossa cultura humana, humanista que havia de produzir-se em maio de 68?<sup>41</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: NÓS, OS ESCAFANDRISTAS

*“O que restou da passagem de Foucault por Vincennes? Ele teve a oportunidade de estabelecer certas diretrizes que teriam efeitos duradouros na paisagem intelectual francesa. Pois apesar das turbulências Vincennes alcançaria sua velocidade de cruzeiro e seu departamento de filosofia conheceria um grande esplendor, com Deleuze, Lyotard, Scherer... [...] Ao deixar o departamento de filosofia nas mãos de François Châtelet, Michel Foucault sabia que lhe confiava um legado difícil de administrar. Sabia que lhe entregava um foco de conflitos. Mas também um lugar de efervescência intelectual”.*<sup>42</sup>

Didier Eribon recorre à metáfora do escafandrista para ilustrar o retorno de Foucault à política em Vincennes: “como um escafandro depositado no fundo do mar e que de repente a tempestade carrega até a praia”. Para Eribon, o fundo do mar, associado ao período arqueológico, seria um lugar inerte/apolítico. É apenas quando o escafandrista, ou melhor, quando Foucault chega à praia, carregado pela tempestade de Vincennes, que teria início seu período político. Essa cisão política é um excelente material para o filósofo- arqueólogo: como se criou um dentro e um fora da política “em pleno Foucault”?

Existem alguns movimentos possíveis em direção a uma resposta. O primeiro, como dito anteriormente, é que a dimensão política da Arqueologia não é visível e expressa, a despeito dos esforços de Michel Foucault, que deu algumas entrevistas nas quais citava a importância das formações discursivas para a prática política. Em *Réponse à une question*, ensaio publicado na revista *Espirit*, em 1968, Foucault destaca que seu “trabalho de cupim”<sup>43</sup> sobre os arquivos mostrava a importância “do estatuto, das condições de exercício do funcionamento, da institucionalização dos discursos científicos”<sup>44</sup> para a prática política.

Contudo, é apenas na década de 1970, com a Genealogia, que essa dimensão, se torna visível e expressa. Portanto, é possível questionar se há uma passagem entre Foucault-saber e Foucault-poder, visto que o poder sempre esteve presente nas obras de Foucault – ainda que não nomeado. Dessa perspectiva, a Genealogia seria o exercício de virar a tapeçaria do saber e perceber em quais tramas de poder ele fora constituído.

Outro ponto relevante é que intelectuais universais, como Jean-Paul Sartre, viam nas obras de Foucault certo reacionarismo codificado, certa falta de clareza de posicionamento,

---

<sup>41</sup> CLAVEL *apud* MUCHAIL, *Foucault, simplesmente*, p. 117.

<sup>42</sup> ERIBON, *Michel Foucault*, p. 196.

<sup>43</sup> FOUCAULT, *Ditos e escritos V. VI*, p. 16.

<sup>44</sup> FOUCAULT, *Ditos e escritos V. VI*, p. 17.

certo vazio político. Na entrevista *Polemic, politics and problematizations*, publicada em 1984, Foucault ironiza que tenha sido situado “sucessiva, e às simultaneamente, em todos os lugares do tabuleiro político”<sup>45</sup>. Acusam-no de reacionário por *Les Mots et les Choses*; acusam-no de marxista por Vincennes. Acusam-no de apolítico. Talvez perspectivas que não se baseassem em oposições e convergências universais, mas em diferenças e descontinuidades, trouxessem uma perturbação necessária para as formas tradicionais de engajamento político. Por fim, este seria um apontamento da Arqueologia para o solo presente: como nós, escafandristas, vamos olhar para a experiência de Vincennes hoje?

### **“IN THE ESSENCE OF FOUCAULT”: ARCHEOLOGY AND POLITICAL ENGAGEMENT**

Abstract: In 1969 Michel Foucault (1926-1984) became head of the philosophy department of the University of Vincennes and published *Archéologie du Savoir*. An intense year, in which Foucault embodies the figure of engaged intellectual, which is related both to the effervescent experience in Vincennes and to the first period of his work, Archeology (1960s). That is, unlike the classical interpretations that attribute only to its second period, the *Genealogy* (1970s), a political dimension, there was in Archeology a potential to raise new forms of political engagement.

Keywords: Foucault – archeology – knowledge – politics – engagement.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. *Conversações: 1972-1990*. São Paulo: Editora 34, 2006.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V. VI: Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

\_\_\_\_\_. *Ditos e escritos V. I: Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense, 2014a.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade V.I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b.

\_\_\_\_\_. *Ditos e escritos V. IV: Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

\_\_\_\_\_. *Ditos e escritos V. VII: Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2017

---

<sup>45</sup> FOUCAULT, *Arqueologia do saber*, p. 221.

MUCHAIL, Salma. *Foucault, simplesmente*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.